
Percepções dos horticultores comerciais de Ouagadougou com respeito à água, higiene e doenças

Boureima Ouedraogo - boureima.deda@centrain.bf

Departamento de Sociologia, Universidade de Ouagadougou, Burkina Faso

Fotos: IWMI-Gana - 1: equipe verificando riscos para a saúde em visita de campo a plantio em Ouagadougou; 2: a relação entre as doenças e o uso de águas servidas não é percebido pela população

A agricultura urbana – particularmente a produção hortícola voltada para a comercialização (1) – tornou-se parte do ambiente das cidades africanas. Uma cidade como Ouagadougou tem 48 áreas de horticultura comercial espalhadas em 14 setores da cidade (Cissé, 1997).



Estudos sobre as cidades africanas abordam essa

forma de agricultura de vários ângulos. Este estudo (2) focaliza as questões ligadas à saúde. Uma noção bem estabelecida refere-se ao fato de que a reutilização de águas servidas e a irrigação com águas poluídas, pelos horticultores urbanos, constituem um risco para a saúde, tanto dos produtores como dos consumidores (Cissé, 1997).

Entretanto, a questão é saber se os horticultores comerciais, que nasceram na cidade ou que migraram do campo para lá, percebem o uso de águas servidas como arriscado, particularmente com relação à saúde. Será que esses agricultores incorporaram o conhecimento desses riscos quando se transferiram da agricultura rural, irrigada pelas chuvas, para outra, urbana, irrigada com águas servidas?

Este estudo baseia-se nas seguintes hipóteses:

- * A percepção dos horticultores comerciais com relação à água e particularmente com relação às águas servidas encoraja práticas que aumentam o risco de contaminação.
- * A noção dos horticultores comerciais sobre contaminação, e seus conceitos sobre o que é "sadio" ou "doentio", explica sua resistência à atual noção "médica" de higiene e a subsequente exposição descuidada a doenças parasitárias.
- * A percepção dos agricultores sobre as doenças (por ex.: diarreia) encoraja um comportamento que aumenta o risco de infecções por parasitas.
- * Essas infecções parasitárias também estão ligadas ao comportamento dos horticultores e de suas famílias durante a manipulação, preparo e consumo dos alimentos.

A pesquisa, realizada entre 1993 e 1998, consistiu na implementação e triangulação de técnicas e métodos de pesquisa essencialmente qualitativos, incluindo entrevistas de grupos-alvo, discussões semi estruturadas, observação direta dos locais de plantio comercial e das casas e cozinhas dos horticultores comerciais.

Percepções quanto à água e aos riscos para a saúde

Ao pedirmos aos produtores que comparassem suas práticas com aquelas dos agricultores rurais, que cultivam na dependência das águas da chuva, nós buscamos medir seu grau de consciência dos riscos especificamente ligados ao uso de águas servidas e ao subsequente consumo de seus produtos. Verificou-se que os horticultores urbanos comerciais se vêem como "agricultores" sob todos os aspectos, similarmente aos agricultores rurais, exceto pelo modo pelo qual fornecem água às plantas.

Os horticultores comerciais resumem essa diferença do seguinte modo: "aqui, nós somos a nossa própria chuva". Por que esses agricultores só percebem diferença no modo como a água é provida às plantas, e não na própria qualidade da água?

Há várias maneiras pelas quais os produtores de hortaliças percebem a água. As diferentes representações da água são algumas vezes contraditórias, mas nunca totalmente excludentes.

Uma percepção relaciona a água com a vida, independentemente de sua aparência. Naturalmente, a água mais pura é a que cai do céu e a que se retira de poços. Mas outras águas, mesmo aquela que evitamos beber, como a que flui das fábricas, não é objeto de nenhum tipo de restrição higiênica. As observações diretas mostram que os horticultores urbanos não consideram essas águas como sujas, nem acham que devem tomar qualquer medida higiênica com relação a elas. As mulheres e homens lavam suas mãos nessa água e depois vão preparar refeições, comer, amamentar os filhos.

Paradoxalmente, mesmo águas servidas não tratadas são colocadas no mesmo patamar da "água pura" da chuva e do subsolo. Ainda é a mesma, ou seja, a substância líquida que é ao mesmo tempo mítica e vital. As mulheres em Tanghin mencionaram: "não podemos diferenciar entre água que é potável e água que não é. Água é água, e não nos causa vômito ou repugnância."

Se as águas servidas são consideradas equivalentes à água potável, então como podemos estabelecer a ligação entre a água e certas doenças? Como fazer para incluir as doenças transmitidas pela água no conjunto de representações que os agricultores comerciais têm dela?

A ligação entre a água e certas doenças nunca ficou clara, nem diretamente, pelo próprio consumo dela, nem indiretamente, pelo consumo de certos alimentos que tiveram contato com ela. Os horticultores comerciais rejeitam categoricamente qualquer possibilidade de serem vítimas de doenças transmitidas pela água ou de contaminarem, com ela, os membros de suas famílias. Eles não vêem razão para pensar que a água possa ser um meio de transmissão de muitas doenças que conhecem. Os produtores traduziram sua própria concepção de contaminação – ou de ausência de contaminação – usando um provérbio: "quando o abscesso está na corcova do camelo, não faça a punção nas costas do jumento". Isso significa que a origem das doenças não deve ser buscada na água, nem podem as práticas horticolas do produtor ser as causas de doenças na família, particularmente quando eles nunca visitaram o local de plantio: "como você acha que meu filho pode ficar doente por uma comida que eu colhi e comi, mas ele nem comeu?".

Os horticultores também consideram que as águas disponíveis localmente são potáveis para quem ali vive. "Água potável" é a que não causa doença, ou seja, a

água que se usa: "você pode beber água de seu próprio lote sem ficar doente, mas às vezes você bebe água de outro lote, e cai doente". Outro produtor explicou: "desde que estejamos acostumados com a água de um local, se mudarmos de ambiente teremos problema. Por exemplo, se eu me mudar para outro país, para Gana ou Costa do Marfim, a água de lá pode me fazer mal. Com o tempo, vou me acostumar à água de lá, mas se voltar, terei problemas novamente".

De acordo com os horticultores comerciais, "o hábito é uma segunda forma de higiene"; i.e., o consumo direto de água, em si mesmo, não provoca doenças em quem está habituado com ela. Mas o que dizer do consumo de seus produtos, como repolhos, cenouras, beterrabas e tomates?

Percepção da contaminação nos produtos das hortas comerciais

A ligação entre certas doenças e o consumo de produtos hortícolas comercializados (incluindo os alimentos consumidos crus) é ainda menos clara para esses agricultores. Os horticultores comerciais enfatizam que eles mesmos consomem parte dos alimentos que produzem, crus ou cozidos, em casa ou no local do plantio. De seu ponto de vista, seus produtos, sejam consumidos crus ou cozidos, não devem ser considerados diferentes dos demais alimentos. Todos os alimentos podem fazer alguém ficar doente, não por causa de sua qualidade intrínseca, mas dependendo da "resistência" do estômago de quem o consome.

Essa resistência do estômago (espécie de "capital biológico" do indivíduo) não é a única questão que interessa na manifestação de uma doença. Os agricultores comerciais também acreditam que ela depende primeiro de Deus, e depois da má sorte. Após citarem dores de cabeça, dor de barriga, malária, dores na coluna e no peito como as doenças mais comuns entre eles, acrescentaram: "mas não existem doenças específicas dos horticultores, nós somos seres humanos como você. Todas as doenças vêm de Deus, não conhecemos nenhuma outra origem." Também acreditam que as doenças resultam do destino: "Não se pode ter boa saúde eternamente." Considera-se normal que as pessoas fiquem doentes a intervalos de um a dois meses. Esses princípios baseiam a percepção das doenças que afetam adultos e crianças, em geral, mas com relação às crianças existem também outras representações das doenças, especialmente da diarreia.

Representações das doenças em geral e da diarreia em particular

A visão que os horticultores comerciais têm das doenças, em geral, e da diarreia em adultos e crianças, em particular, não se baseia em uma única percepção.

"Diarreia em adultos é uma doença como qualquer outra: pode ser causada por uma comida que não caiu bem ou não combinou bem com você. Nas crianças, a diarreia é freqüente: "freqüentemente a gente vê cocô mole, cocô com sangue, às vezes acompanhado por febre."



Os horticultores comerciais que têm essas concepções ignoram as causas prováveis da diarreia que acomete suas crianças. Para quem trabalha em Kossodo, somente Deus é responsável pela diarreia das crianças: "Nós não permitimos que nossas crianças comam qualquer coisa. Nós supervisionamos sua alimentação. Quando

elas caem doentes, não podemos saber se foi por causa da comida, da água ou do ar. Se soubéssemos que certas comidas podem causar diarreia nas crianças, nós as evitaríamos. A diarreia, como as demais doenças, vem de Deus".

Algumas razões especiais para a diarreia nas crianças foram recolhidas junto aos produtores comerciais de Abattoir: "A diarreia nas crianças pode ser devida à mudança da estação. O tempo frio, igualmente ao quente, modifica o ritmo da circulação sanguínea. Como resultado, a criança tem diarreia no processo de adaptação." Outra: "a diarreia em crianças é causada às vezes pelo fato de homem continuar a ter relações sexuais com suas mulheres que acabaram de dar à luz."

Conclusões

As observações realizadas nos locais de plantio e nas casas dos horticultores confirmam as hipóteses preliminares citadas acima: a água usada pelos horticultores não é considerada poluída nem capaz de causar doenças por contaminação, nem nos locais de plantio, onde eles passam muitas horas por dia, nem em casa, onde eles retornam de tarde, despreocupados com o fato de estarem trazendo algum vetor de doença na sujeira que os cobre.

Na ausência de uma ligação claramente percebida entre os riscos à saúde e o uso de águas servidas, a conscientização dessa percepção entre contaminação da água e doenças torna-se prioritária na construção do conhecimento e na implementação de práticas seguras, entre os horticultores, com respeito à saúde, doença e higiene.

O conhecimento das pessoas é "operacionalmente pragmático" mas também "um conjunto de significados". O conceito de higiene é uma questão de experiência e de como é percebida a relação entre a água e as doenças.

Do ponto de vista de uma "cultura da saúde" onde não existe a noção de micróbios, a categorização biomédica de "riscos à saúde" não faz qualquer sentido. Mesmo no Ocidente, antes do século XIX, e antes de descoberta das bactérias, a ligação entre sujeira e doença, higiene e patógenos, não era percebida (Douglas, 1981). Essa falta de consciência deve ser levada em consideração em todos os programas de treinamento que visem a promover mudanças na "cultura da saúde" de uma comunidade.

Notas

1. Horticultura comercial, para o mercado, é a produção de hortaliças e de frutas predominantemente para venda nos mercados locais, diferenciando-se assim da horticultura para consumo próprio.
2. O projeto de pesquisa sobre o uso de águas poluídas na horticultura comercial urbana é financiado pelo Departamento de Desenvolvimento e Cooperação (DDC) do Ministério de Relações Exteriores da Suíça e pelo Fundo Nacional Suíço para a Pesquisa Científica.

Referências

- Cissé, G. 1997. Impact sanitaire de l'utilisation d'eaux polluées en agriculture urbaine. Cas du maraîchage à Ouagadougou (Burkina Faso). EPFL, Senegal.
- Douglas, M. 1981. De la souillure. Etudes sur la notion de pollution et de tabou. Maspero, Paris, França